

Sissi Carvalho

O
AMOR
DEFEITO
EM PÓ



2ª Edição

LETRAPITAL

O
AMOR
DESFEITO
EM PÓ

Sissi Carvalho

2ª EDIÇÃO

LETRAPITAL

© 2019 by Sissi Carvalho

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem a autorização prévia
por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados.

2ª Edição - 2019

capa, projeto gráfico e ilustrações
Antônio Amaral

revisão
Sandra Chaves

editor
João Baptista Pinto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C328a

Carvalho, Sissi
O amor desfeito em pó / Sissi Carvalho. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Letra Capital, 2018.
; 154 cm.

ISBN 9788577856268

1. Romance brasileiro. I. Título.

18-53440

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

CONTATO COM A AUTORA
sissiescritora@gmail.com

DEDICATÓRIA

À Cristina Isabel, irmã amorosa e grande amiga,
uma entusiasta compradora das minhas ideias.

À Ana Beatriz e ao Luis Augusto,
filhos generosos que pacientemente
escutam meu pensar.

Ao meu marido, *in memoriam*.

AGRADECIMENTO

Agradeço à Débora Oliveira
pelos toques de realismo que imprimiu a minha
ficção; e a todos aqueles que, com seus relatos,
me ajudaram a construir
personagens verossímeis.

À Patricia Nedina e Enderson Luiz
pelas opiniões acertadas e a solicitude com
que leram repetidamente trechos dessa história
quantas vezes mudados foram.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	Reencontro	14
CAPÍTULO 2	Negação	21
CAPÍTULO 3	Reaproximação	29
CAPÍTULO 4	Comprovação	35
CAPÍTULO 5	Credulidade	43
CAPÍTULO 6	Sustentação	49
CAPÍTULO 7	Enfrentamento	55
CAPÍTULO 8	Convivência	63
CAPÍTULO 9	Impotência	73
CAPÍTULO 10	Racionalidade	79
CAPÍTULO 11	Overdose	87
CAPÍTULO 12	Cisão	93
CAPÍTULO 13	Adicto e Psiquiatria	101
CAPÍTULO 14	Internação	109
CAPÍTULO 15	Inquietação	113
CAPÍTULO 16	Capitulação	119
CAPÍTULO 17	Debate	123
CAPÍTULO 18	Diplomação	129
CAPÍTULO 19	A Carta	133
CAPÍTULO 20	Renascimento	141

“... A droga é uma doença, mas é também uma opção”.

Irene

Nota da Autora

O que lhes contarei não tem o intuito de servir como exemplo de conduta a ser seguida. Sabem quando o mágico diz: “não tentem fazer isso em casa, pode ser perigoso”? É o que me apraz dizer também em relação a essa história ficcional, embora, baseada no somatório de relatos verdadeiros. O que escrevi não tem a pretensão de servir como autoajuda. Tampouco exibir uma fórmula! Retrato uma experiência, mas, ressalvo: “nem tudo que é bom para Chico, necessariamente o é para Francisco”.

Embora sendo médica, não vou emitir juízo de valor. Caberá ao leitor tirar suas próprias conclusões.

Dizem que “quem conta um conto aumenta um ponto”. Não fugi a isso. Criei um universo a partir dos dramas que ouvi, compassivamente. Apresento o ponto de vista de u’a mãe que viu o filho enredando-se mais

e mais nos tentáculos da bebida e da cocaína e todos os passos que ela deu para ajudá-lo a se livrar de tão gigantesco polvo.

Entretanto, afirmo, a ficção não se sobrepôs ao verdadeiro. E foi essa coexistência pacífica que transformou em capítulos o relato dessa mulher que, buscando uma saída para uma luta tantas vezes inglória, não aceitou como premissa verdadeira a concepção antiga, mas, ainda contraditória nos dias atuais, de que “ser mãe é padecer no paraíso”.

CAPÍTULO 01
Reencuentro

Encontrei Irene ocasionalmente naquela festa. Com a mesma alegria de amigas que se querem muito bem, mas não sabem uma da outra há anos, nos abraçamos efusivamente e passamos a conversar. Dentre as perguntas habituais, indaguei sobre Fabrício, seu filho mais velho. O olhar de Irene se fez longínquo! Trazia o sorriso costumeiro quando me fitou novamente e indagou: –Você tem tempo?

Longe da música e dos convidados e à sombra de uma árvore centenária, fui ouvindo sua história, um retrato da difícil e penosa convivência com um filho usuário de cocaína!

Irene conversava comigo, mas era como se estivesse falando em voz alta para si própria:

– Criar filhos é tarefa complexa! Não há uma fórmula, uma infalível receita de bolo que basta repetir sem medo de errar. Eu fiquei sem chão, ao saber que Fabrício, meu filho, era

viciado em cocaína. O que só foi mesmo uma novidade para mim... todo mundo já sabia.

“Como eu não havia percebido?” Foi a pergunta que me fiz repetidamente e ouvi, outras tantas vezes, de várias pessoas. Não dizem que o pior cego é aquele que não quer ver? Talvez tenha sido isso! Não sei.

Quando um filho se torna viciado em drogas ilícitas, geralmente os especialistas apontam entre as prováveis causas: uma criação excessivamente permissiva ou repressora; a inexistência de diálogo familiar em relação a drogas, sexo e outros assuntos ou a junção dessas coisas todas.

E assim como acontece com a maioria dos pais nessas circunstâncias, a minha primeira reação não fugiu ao lugar comum, foi de autocrítica: “Onde eu errei”?

Sempre fui adepta do diálogo franco, aberto... Como você ainda deve se lembrar. Com os meus filhos não fiz diferente! Conversamos sobre tudo, dos assuntos inocentes aos cabeludos. Não tenho pudores ou constrangimentos desnecessários. Fui uma mãe presente, atenta, que supriu com sucesso a ausência do pai deles, desde quando nos separamos.